

COMO PODE S.Tomé e PRÍNCIPE CONTORNAR A FRACA COTAÇÃO DO CACAU

Há duas semanas li um artigo cujo título era “ a estratégia da banana”. A primeira vista parece algo banal. Mas não, é aquela banana que comemos no dia-a-dia em S .Tomé e Príncipe, entretanto no entender do articulista, utilizada como instrumento de controlo geoestratégico nas políticas do ocidente.

Do artigo registei três notas:

1 - A banana com a sua colheita semanal, é a cultura mais rentável; basta dizer que a rentabilidade por hectare pode chegar as 60.000 Kg;

2 - É a fruta mundialmente mais consumida;

3 – Com as suas múltiplas propriedades, das que se destacam: rica em vitamina C, potássio, ferro e estimulante na produção da hemoglobina, poderia ser utilizada para reduzir males como a anemia que afecta a milhares de africanos. O autor ainda estabelece a analogia com um hectare de plantação de cacau que só chega a produzir 300 kg de cacau. Pior é a plantação do café, onde só se consegue para a mesma área, extrair 180 kg daquele grão precioso.

Logo, porque não se incentivar o cultivo da banana em África quando é conhecido que o rendimento desta é maior que as outras culturas para além dos benefícios para a saúde?

Segundo o cronista, opinião que também partilho, a África tem-se adormecida e orientada a sua política ao encontro dos interesses meramente dos especuladores ocidentais ao troco de uma mão cheia de nada. Poderá S.Tomé e Príncipe dar o mote de viragem? Sim

O quadro abaixo, ilustra-nos a diferença no PIB de dois países com áreas quase semelhantes

	Superfície	População	PIB (2003) Dollars	Cultura	Banana p/EU (toneladas)
S.Tomé e Príncipe	1001 km ²	400.000	1.200	Cacau/Café	000.000
Martinica	1100 km ²	175.000	14.400	Banana	220.000

A Martinica, tem um PIB (10) dez vezes superior ao de S.Tomé e Príncipe.

Porque será? - Continua-se em S.Tomé e Príncipe a orientar e sem qualquer estratégia, a economia para a produção do cacau e café, e hoje também a cultura da pimenta em função do preço actual do mercado e do financiamento europeu.

- Continuamos em S.Tomé e Príncipe incapazes de agarrar nas propriedades agrícolas herdadas e convertê-las num instrumento real estratégico de desenvolvimento;

- Continuamos sentados a espera da mera chegada investidores estrangeiros.

Assim, e em consonância com o padrão de vida escolhido, persistiremos ao “ad eternum” pobrezinhos a que se deve ajudar.

O que se deve fazer?

- a) Redefinir a política da terra; Alteração das leis e providenciar em certos casos o parcelamento, mesmo que essa opção signifique o controlo estatal das roças ou incentivo das cooperativas agrícolas, situação difícil; Lembro que o estado simplesmente desresponsabilizou-se dos seus compromissos com os trabalhadores das roças, entregando a maioria delas aos meros funcionários políticos;
- b) Fomentar e potenciar o cultivo da banana como alternativa para o melhoramento da balança comercial; mesmo que isto potencie o controlo estatal das propriedades. O ideal será o estado encontrar parceiros para requalificar e tornar produtivas as propriedades agrícolas seleccionadas;
- c) Estruturar e encontrar os mecanismos que possam viabilizar a conservação e exportação da banana;
- d) Encontrar alianças em africa para o mercado desta nova cultura, fazendo lobby nas organizações regionais africanas;
- e) Manter a produção do cacau e café, nas áreas possíveis como factor diferenciador da nossa economia; não olhar o cacau e café como fundamental para a nossa economia, mas sim como o elemento diferencial e de ligação a nossa história
- f) Encontrar com novos parceiros estratégicos para o mercado da banana.

Em resumo, pode S .Tomé e Príncipe sem nunca desvincular-se do património que são as culturas do café e do cacau, potenciar culturas como a banana.

Não é de interesse das grandes potências ocidentais que controlem a produção da banana que apareça mais um produtor no mercado. Em resposta, a nossa cartada deve ser habilidosa usando um dos nossos factores competitivos que é a dimensão e o impacto que a nossa produção mesmo em grande escala possa significar para o mercado. Em alternativa, o estabelecimento de novas alianças comerciais, a Rússia e o resto de africa pode ser o destino.

Claro que tudo isso passa por uma reorganização assente num grande trabalho de casa por parte de quem governa S .Tomé e Príncipe.

Danilo Salvaterra

Março de 2012